

MAIS TURISTAS QUE PINGUINS

TEMPERATURAS GLACIAIS À PARTE, DOBROU O NÚMERO DE TURISTAS QUE VISITARAM A ANTÁRTICA NO ÚLTIMO ANO DISPOSTOS A PAGAR A PARTIR DE R\$ 40 MIL PELA EXPERIÊNCIA DE SOBREVIVER NO GELO

por Elcio Braga

De roupão, em um frio de zero grau, o publicitário paulista Marcos Facó, de 55 anos, caminhou em direção ao deque do navio Ocean Diamond para um desafio: mergulhar no mar da Antártica, cercado por icebergs. Recebeu o aviso de que, se passasse de três minutos dentro d'água, morreria. Na escada, foi amarrado pela cintura a uma corda, para um eventual resgate. Só de sunga, saltou. “Você mergulha e sente aquele choque térmico, o gosto da água. Voltei nadando. De repente, percebi que dava comando para nadar e meus braços e pernas demoravam a responder. Comecei a ficar preocupado, mas já estava bem perto da escadinha do navio. Subi e me deram de volta o roupão para me aquecer. É muito legal, mas muito estressante a experiência”, disse Facó, que visitou o continente de gelo em novembro de 2018, com a mulher, o irmão e a cunhada.

Turistas eram paisagem rara quando esteve pela primeira vez na Antártica, em outubro de 2008, para uma reportagem na antiga estação brasileira Comandante Ferraz, na Ilha Rei George. Em minha segunda visita, em janeiro deste ano, para a reinauguração da estação, a convite da Marinha, vi mais turistas que pinguins. Eles chegavam em navios de cruzeiro, veleiros ou aviões. Há 20 anos, pouco mais de 12 mil pessoas visitavam a região no período do verão antártico, de outubro a abril. Na temporada passada, foram 56 mil visitantes e, na atual, estima-se, serão 70 mil.

São novas experiências, como o polar plunge (mergulho polar), vivenciado por Facó, ou ver de perto o esqueleto de uma baleia

jubarte montado pelo lendário oceanógrafo francês Jacques Cousteau que transformam a Antártica na mais desejada carimbada no passaporte. A preciosidade é obtida em uma lojinha, na base inglesa de Port Lockroy, na Península Antártica, onde funciona uma agência de correios. Para alguns, pode dar calafrio só de ouvir falar no território — considerado o lugar mais frio do planeta, com ventos violentos, baleias-assassinas, ondas gigantes e icebergs monstruosos. Mas tudo isso só a tem tornado mais atraente, ao menos de acordo com os números.

A Antártica é composta de 14 milhões de quilômetros quadrados que há 165 milhões de anos se separaram do supercontinente Gondwana. Deslocada para o Polo Sul, a região, onde caberia um Brasil e meio, congelou. Ganhou finas camadas de gelo, ano após ano, nos últimos 35 milhões de voltas ao redor do Sol. Nas partes mais altas, a espessura glacial chega a quase 5 quilômetros. Em sua área encontram-se 70% da água doce do planeta e 90% do gelo. A temperatura, no inverno, já chegou a 98 graus negativos, medida por sensores em satélite. A parte menos fria é a que se projeta em direção à América do Sul, a Península Antártica, contornada por ilhas. Trata-se de um lugar tão inóspito que nem do espaço, na Estação Espacial, a 400 quilômetros de altura, em 2006, o então astronauta Marcos Pontes conseguiu vislumbrar algo ali. “Na órbita que estávamos, de 51 graus em relação ao Equador, não chegávamos aos polos”, observou ele, agora ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, e que esteve presente na reinauguração.

Turistas caminham em Orne Harbur, nas Ilhas Shetland do Sul. Estima-se que 70 mil turistas deverão visitar a Antártica na temporada atual

FOTO: JOHAN ORDONEZ/AFP/GETTY IMAGES

HÁ OPÇÕES DE PACOTES DE ATÉ US\$ 90 MIL (R\$ 388 MIL, APROXIMADAMENTE), QUE OFERECEM MAIS DE UM MÊS DE ESTADIA E PASSEIO DE TRENÓ ATÉ O POLO SUL, ONDE GRANDES EXPLORADORES, COMO O NORUEGUÊS ROALD AMUNDSEN E O INGLÊS ROBERT FALCON SCOTT, PISARAM PELA PRIMEIRA VEZ EM 1911

ELCIO BRAGA/AGÊNCIA O GLOBO



Apesar das temperaturas extremas e do gelo inclemente, quem paga US\$ 10 mil por um pacote de cerca de dez dias no local não passa por grande sufoco. Há restaurantes que servem opções diversas de comida, inclusive a vegetariana. Os que optam pelo cruzeiro dormem em cabines tão confortáveis quanto hotéis. O pacote inclui ainda os passeios, vestimentas, óculos, luvas e botas adequadas ao frio. A programação oferece atividades variadas. O navio costuma ancorar pela manhã. Depois do café, há o primeiro passeio do dia. “A média de passageiros fica entre 100 e 200 por barco. Só podem desembarcar 100 pessoas por vez em cada lugar. Por isso, são oferecidos opcionais extras, como caiaque ou passeio em botes infláveis aos que ficam de fora”, contou Zelfa Silva, de 58 anos, que com o marido, Gunnar Hagelberg, de 66 anos, dirige uma das principais agências que levam brasileiros à Antártica desde 1997. Quem estiver disposto a investir quantias mais altas na viagem, há opções de pacotes de até US\$ 90 mil (R\$ 388 mil, aproximadamente), que preveem mais de um mês de estadia e passeio de trenó até o Polo Sul, onde grandes exploradores, como o norueguês Roald Amundsen e o inglês Robert Falcon Scott, pisaram pela primeira vez em 1911.

O programa mais desejado pelos turistas que frequentam o lugar nos últimos anos, contudo, tem sido dormir uma noite sobre o gelo, em barracas próprias para suportar temperaturas baixíssimas. Trata-se de um passeio extra, que custa cerca de R\$ 1.250. Facó nem sabia da possibilidade de se visitar a Antártica. Um colega que apenas passara por lá, sem desembarcar, deu a dica. Como ele já havia visitado todos os continentes e os principais países, se interessou pela ideia. “Quando você viaja bastante, começa a achar tudo muito igual”, comparou o publicitário, que mora no Rio de Janeiro há 30 anos e já programou a próxima viagem: ao Ártico, em junho.

Os brasileiros já chegaram a ser o quinto maior grupo de turistas no território gelado, com 364 visitas na temporada 1994/1995 — 4,4% dos 8.210 visitantes. A lista era encabeçada por americanos, 36,3% (2.985); alemães, 18% (1.507); argentinos, 7,3% (597); e britânicos, 5,3% (441). Hoje, a participação brasileira caiu tanto que passou a ser contabilizada em “outros”. “Isso acontece em razão do preço alto dos pacotes e da crescente participação de turistas chineses. Na atual temporada, só cerca de 50 turistas brasileiros deverão visitar a Antártica”, calculou Silva.

O casal Zelfa Silva e Gunnar Hagelberg (acima) possui uma agência de viagem em Porto Alegre que leva brasileiros à Antártica. Os turistas brasileiros já viajaram em maior número ao território gelado

À direita, o esqueleto de uma jubarte montado originalmente pelo oceanógrafo Jacques Cousteau, em 1972, na Baía do Almirantado, quase em frente à estação brasileira Comandante Ferraz

Marinha. Nem o corsário Francis Drake, que dá nome ao local, navegou por lá. Na viagem que fiz com outros jornalistas e convidados para a reinauguração da nova base científica o navio Almirante Maximiano aguardou por 30 horas em Puerto Williams, a cidade mais ao sul do planeta, no Chile, até que as ondas do estreito começassem a baixar. Normalmente se cruza esse trecho de 800 quilômetros no intervalo entre as tempestades. “Pegamos ondas de oito metros na ida. De noite, elas batiam com violência no sobe e desce do navio. Não conseguimos dormir direito. Tentei tomar um banho, mas fui jogado para todos os lados. Depois passei o período todo do Drake deitado”, contou o turista Marcelo Appel.

Com o aumento do turismo, também cresceu a conscientização ambiental para tentar deter a degradação da Antártica, já afetada pelo derretimento das geleiras. A Associação Internacional das Operadoras de Turismo Antártico (Iaato) dá recomendações, como não abraçar pinguins, e regula o lixo gerado por turistas. Em palestras dadas pela Iaato aos recém-chegados, há instruções para o uso de fraldas em passeios em solo, a fim de evitar que se use o meio ambiente como banheiro, e todo o descarte das embarcações tem de ser compactado e levado de volta ao país de origem. Também avisam que não se deve levar nem mesmo uma pedrinha como recordação. Apenas fotos e, ainda assim, feitas com distância mínima de 5 metros dos animais.

Mas a verdade é que, apesar da regulamentação, nada impede que um aventureiro, por sua conta e risco, desembarque de seu veleiro e monte uma barraquinha por lá. Não existe presidente ou polícia do gelo. O que existe é o Tratado da Antártica, com 29 países-membros, que podem decidir o futuro do continente. Alcançaram esse *status* por fazerem pesquisa na região, como é o caso do Brasil.

Saímos do território gelado em direção a Punta Arenas, no Chile, a bordo de um Hércules da Força Aérea Brasileira (FAB). A Marinha nos deixou na praça central da cidade, de onde cada um dos participantes, jornalistas e militares, deveria seguir viagem. Ali mesmo, os convidados tiraram as roupas de proteção para começar a devolvê-las aos organizadores da excursão. Como fui o último a sair do ônibus, me surpreendi ao ver duas pedras da Antártica caídas no corredor. Alguém as perdera na troca da roupa.

Apesar de congelada, a Antártica é um deserto com ar extremamente seco. Por isso, é preciso se manter hidratado. As temperaturas mais extremas ocorrem no inverno, quando não há turismo. No restante do ano, termômetros acima dos 15 graus negativos são mais comuns e não oferecem risco, desde que a vestimenta seja adequada. Caso contrário, há perigo de congelamento dos membros e risco de amputação. Também pode ocorrer quebra de extremidades da orelha e do nariz, além de queimaduras e da chamada “cegueira da neve”, causada pelo reflexo da luz no branco do gelo. Um momento de tensão durante a viagem é a passagem pelo Estreito de Drake, considerado o mais perigoso do planeta. Fica entre a extremidade da América do Sul e da Antártica, no encontro entre os Oceanos Atlântico e Pacífico. As ondas ultrapassam 10 metros de altura.

O Drake é um capítulo à parte. Já passei por lá duas vezes e ganhei até um diploma da